

## A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES-SUJEITO *NÓS* E A *GENTE*

Adriana dos Santos Souza (PG-UEL)  
Jacqueline Ortelan Maia Botassini (PG-UEL)

### Introdução

A despeito das alterações sofridas no sistema de pronomes pessoais do português, invariavelmente, registra-se, nos compêndios gramaticais tradicionais, o seguinte quadro de pronomes-sujeito: *eu, tu, ele, nós, vós, eles*. Entretanto diversos pesquisadores (ALBÁN E FREITAS, 1991; MONTEIRO, 1994; OMENA, 1996; MENON, 1995; BOTASSINI, 1998, entre outros), em estudo sobre o sistema pronominal do português do Brasil, afirmam que, em consequência das várias mudanças ocorridas na língua, esse quadro já não corresponde à realidade linguística do país.

Um problema existente é o não reconhecimento da expressão *a gente*, de uso bastante frequente entre os falantes do português do Brasil, como forma pronominal para designar a primeira pessoa do plural, em concorrência e coocorrência com o pronome *nós*. Nos livros didáticos, as referências que se fazem a respeito de *a gente* normalmente estão no capítulo dedicado ao substantivo, mais especificamente quando se fala dos coletivos, ou no capítulo destinado à concordância, quando se aborda a questão da silepse de número. No capítulo referente aos pronomes, os raros comentários sobre essa expressão aparecem na forma de notas ou de observações à parte, como fazem Cunha e Cintra em “Fórmulas de representação da 1.<sup>a</sup> pessoa” (1985, p.288).

Provinda do latim (*gens, gentis*), *gente* era um substantivo feminino utilizado para designar o “conjunto de pessoas que pelos varões se ligam a um antepassado comum (...). Daí, por extensão: 2) Família, descendência, raça. 3) Povo, nação...” (FARIA, 1982).

Omena (1996) assevera que a forma *a gente*, originalmente usada como substantivo coletivo ou como forma indeterminadora em referência a um grupo de seres humanos, passou, por extensão de uso, a ser empregada sempre com o artigo “a” para indicar a primeira pessoa do discurso. Dessa forma, houve mudança semântica e gramatical, visto que

Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminador, a referência à pessoa que fala, deitivamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema dos pronomes pessoais, conservando porém com o verbo a mesma relação sintática de terceira pessoa gramatical (OMENA, 1996, p.189).

Esse processo de mudança em relação à forma *a gente* é discutido por Menon (1997), a qual apresenta um quadro para demonstrar as fases do processo de gramaticalização da expressão no português.

<b>LNPlena</b>	>	<b>LNEspecial</b>	>	<b>LNInvariável</b>	>	<b>pron. indet.</b>	>	<b>pron. pessoal P1</b>
...gente...	>	a gente	>	[a gente]	>	a gente	>	a gente = nós, eu
<b>LNP</b>		<b>LNE</b>		<b>LNI</b>		<b>pr. indet.</b>		<b>pr. pes. 1 pl.-sing.</b>

Segundo a autora, a locução nominal plena (LNP) corresponde à etapa em que o substantivo *gente* era utilizado de forma autônoma, podendo constituir qualquer locução nominal ou ser precedida de quaisquer determinantes. Posteriormente, à medida que seu uso se especializava, passou a ser utilizada com o artigo definido feminino singular *a*, constituindo locução nominal especial (LNE), adquirindo um significado específico em meio a outros usos já existentes desse substantivo. Nessa acepção específica, tornou-se invariável. Uma vez invariável (LNI), *a gente* passou a ser empregada como recurso de indeterminação do sujeito, tornando-se um pronome.

Conforme explica Menon (1997), ao ser classificada como pronome, a forma em questão é considerada gramaticalizada, perdendo sua autonomia na língua e assumindo funções específicas: i) como forma indeterminadora do sujeito, neutralizou-se a concordância; ii) ao ser empregada como pronome de primeira pessoa, concorrendo com *nós*, concorda em gênero e número com “o sexo do referente extralinguístico”.

Omena (1996) ressalta que talvez o uso de *a gente* em substituição ao pronome *nós* tenha relação com a necessidade de contrapor uma referência precisa a uma imprecisa, ratificando o que expõem

Rolleberg *et al.* (1991) quando afirmam que a forma pronominal *a gente* possui um grau generalizador de abrangência maior que o do pronome *nós*, que sempre inclui o comprometimento do *eu*.

As formas pronominais *nós* e *a gente* podem desempenhar diversas funções sintáticas, como as encontradas por Omena (1996), em sua pesquisa: adjunto adverbial, complemento, sujeito e adjunto adnominal. Interessa-nos, para este trabalho, examinar a variação no uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, a fim de verificar se, nos dados do Projeto ALiB referentes ao estado de São Paulo, também existe, como em outros *corpora*, uma situação de concorrência e de coocorrência dos pronomes *nós* e *a gente* com o uso cada vez mais frequente deste último.

## 1. Amostra e metodologia

O *corpus* deste trabalho é constituído de dados coletados das entrevistas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) referentes às 37 cidades do interior do estado de São Paulo, as quais foram selecionadas levando-se em consideração os seguintes aspectos: extensão da região, demografia, cultura, história e natureza do processo de povoamento da área, limites internos e internacionais, além dos pontos sugeridos por Nascentes (1953).

Em cada ponto, foram selecionados 4 informantes, dois de cada sexo, correspondendo a um total de 148 informantes, os quais deveriam preencher os seguintes requisitos:

- terem nascido na localidade pesquisada;
- serem filhos de pais da região linguística em estudo;
- distribuídos em duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos);
- alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a 8.<sup>a</sup> série do ensino fundamental;
- possuidores de profissão definida que não requeira grande mobilidade, inseridos dentro do contexto social.

Os dados analisados foram obtidos a partir das respostas à questão n.º 26 do Questionário Morfosintático (QMS) do Projeto ALiB, a saber: “O que vocês fazem no fim-de-semana?”. Por meio dessa questão, espera-se obter respostas utilizando os pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito.

Neste trabalho, faremos uso da metodologia da Sociolinguística Variacionista, procurando examinar se os fatores extralinguísticos “sexo” e “faixa etária” condicionam a escolha das formas pronominais variantes *nós* e *a gente* na representação da primeira pessoa do plural, que constitui a variável dependente, objeto de estudo desta pesquisa.

Por meio do fator faixa etária, procuramos determinar se as variantes observadas neste estudo estão em situação de variação estável ou de mudança linguística. Tarallo (1986, p.65) informa que haverá variação estável se não existirem mudanças entre as faixas etárias. Mas se o uso da variante mais inovadora ocorrer com mais frequência na faixa etária mais jovem, diminuindo em relação à idade dos informantes mais velhos, então teremos uma situação de mudança em progresso.

Estudos sobre a variável sexo têm revelado que, embora não existam linguagens distintas para homens e para mulheres, esses apresentam comportamentos linguísticos diferenciados, conforme nos informa Oliveira (1995, p.7): “Se, por um lado, é verdade que em nenhuma sociedade ou língua há ‘linguagens’ separadas para homens e mulheres, por outro lado, a preferência por certos empregos, em função do sexo, parece estar presente em algumas línguas.”

Ao observarmos esse fator, procuramos verificar se, nesta pesquisa, há comportamentos linguísticos suficientemente diferenciados entre homens e mulheres que permitam fazer algumas considerações sobre quem utiliza mais frequentemente as formas “padrão” ou de “prestígio”, quem tende a usar mais formas “inovadoras” ou, ao contrário, quem é mais conservador etc.

Para a seleção dos dados, inicialmente, criamos um arquivo colocando todas as respostas dos 148 informantes à questão n.º 26 do questionário do Projeto ALiB. A partir desse banco de dados, dividido por faixa etária e sexo, selecionamos os casos de pronomes *nós* e *a gente* exercendo a função de sujeito. Os dados selecionados foram separados em tabelas para posterior análise quantitativa e qualitativa.

## 2. Análise dos dados

Os dados levantados acerca dos pronomes *nós* e *a gente* somaram um total de 230 ocorrências, das quais 84 (36,5%) são casos de *nós* e 146 (63,5%) são casos de *a gente*. Portanto as ocorrências de *a gente* representam quase o dobro das ocorrências de *nós*.

Tabela 01. Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*.

Pronome	Número de dados	%
NÓS	84	36,5
A GENTE	146	63,5
Total	230	100,0

Esse resultado confirma o de outras pesquisas (OMENA, 1996; FERNANDES, 1997; BOTASSINI, 1998; TONIOLI e BARUFFALDI, 2007), que têm apontado para o uso cada vez mais frequente do pronome *a gente* em substituição ao *nós*. Por estarmos trabalhando neste estudo com informantes que possuem apenas até a 4.<sup>a</sup> série do ensino fundamental, esse resultado era esperado, visto que, em outras pesquisas que tratam do mesmo tema, o fator grau de escolaridade tem revelado ser condicionador de uso de uma ou de outra variante, com propensão à utilização de *a gente* por informantes menos escolarizados e preferência pelo uso de *nós* nos informantes mais escolarizados. Omena (1996) salienta esse fato: “(...) os falantes que só cursaram o primário usam pouco a variante *nós* enquanto os que cursaram ginásio e os que foram até o 2.<sup>o</sup> grau aumentam a taxa dessa variante.” (p. 318).

Nos dados de informantes portadores de maior escolaridade, embora se encontre uma frequência representativa do pronome *a gente*, o uso de *nós* é mais recorrente. O fato de os informantes com mais escolaridade terem frequentado os bancos escolares por mais tempo e, conseqüentemente, terem sido expostos por mais tempo ao ensino gramatical, parece condicionar a realização do pronome-sujeito de primeira pessoa do plural com mais ocorrências da variante padrão: *nós*, visto que a forma inovadora *a gente* é, ainda, em alguns casos, vista preconceituosamente como uma forma que só tem “permissão” para ser utilizada na oralidade.

Lopes (1998), trabalhando com dados do Projeto NURC (portanto com informantes portadores de curso superior completo), confirma esse resultado: encontrou mais casos de *nós* (57,8%) do que de *a gente* (42,2%) em sua pesquisa. Monteiro (1994) também se expressa a esse respeito:

A substituição de *nós* por *a gente* não atingiu na norma culta o mesmo nível de aceitação que se verifica na fala popular. Enquanto nesta se acusa uma preferência geral de 69% para o uso do sujeito *a gente*, na norma culta se dá o contrário: a preferência é de 62% para o pronome *nós*. (MONTEIRO, 1994, p.150)

Surpreendeu-nos, entretanto, o número de ocorrências de pronome de primeira pessoa do singular, *eu*, 224 casos (quase o mesmo número de ocorrências de *nós* e *a gente* juntos) em um contexto em que se esperava a utilização maciça de pronomes de primeira pessoa do plural, já que a pergunta feita aos informantes (O que vocês fazem no fim-de-semana?) propiciava respostas com as formas pronominais *nós* e *a gente*. Curiosas com relação a esse dado, procuramos verificar o que poderia estar condicionando esse aparecimento. Constatamos, basicamente, dois problemas. Primeiro, em algumas situações, o inquiridor contribuía com essa realização, pois, ao fazer a pergunta ao informante, expressava-se usando os pronomes  *você*, *o senhor*, *a senhora* em lugar de *vocês*, por exemplo:

- (01) No final de semana **a senhora** costuma fazer o quê? (INF.4 F FE2 – Presidente Epitácio)<sup>1</sup>
- (02) E agora o que  **você** faz no fim de semana? (INF.2 F FE1 – Ribeira)
- (03) INF. – Final de semana eles vão pra igreja.  
INQ. – Eles. E o **senhor**? (INF.3 M FE2 – Registro)

<sup>1</sup> A identificação dos exemplos selecionados será feita contendo as seguintes informações, pela ordem: número do informante (INF. 1, 2, 3 ou 4); sexo (masculino: M; feminino: F); faixa etária (1.<sup>a</sup> faixa etária: FE1; 2.<sup>a</sup> faixa etária: FE2) e nome da cidade em que reside o informante.

Uma segunda razão parece ter relação com fato de o informante começar respondendo com o pronome *eu* e o inquiridor não lançar mão de um novo recurso para obter a resposta esperada, deixando todo o discurso desenvolver-se na primeira pessoa do singular (conforme exemplo 04) ou, ainda, reforçar esse uso por meio de uma segunda pergunta que induz o informante a usar o pronome *eu* (exemplo 05):

- (04) INF. – Lavá ropa.  
 INQ. – Só?  
 INF. – Só lavo ropa, o dia inteirinho. (...) eu já lavei, aí eu fico na minha casa assistindo televisão, tem vez que eu sento lá na frente...  
 INQ. – Fica mais em casa.  
 INF. – Mais em casa. (INF.2 F FE1 – Andradina)
- (05) INF. – Eu vô em final de semana assim, eu, agora mesmo eu só to, fico mais na igreja.  
 INQ. – E o que **você** faz lá na igreja? (INF.1 M FE1 – Andradina)

Outro motivo que talvez esteja levando ao uso constante do pronome *eu* pode ter relação com o fato de o informante, mesmo sendo solicitado para que fale a respeito do que ele mais outra(s) pessoa(s) fazem no final de semana (ou seja, *vocês*), pela falta da presença dessa(s) pessoa(s) no ato discursivo, tende a responder voltando o discurso apenas para si. Além disso, o fato de a entrevista, que é extensa, ser quase que exclusivamente voltada para informações que dizem respeito apenas ao entrevistado parece favorecer a utilização de *eu*.

Voltando aos dados sobre os pronomes *nós* e *a gente*, é importante destacar que, nesta pesquisa, verificamos a existência de variações estigmatizadas como “a gente vamos” ou “nós vai”, situação que Omena (1996, p.331) relata ser resultado da variação e do cruzamento dos pronomes *nós* e *a gente*. São 51 casos de *nós* com verbo em 3.<sup>a</sup> pessoa do singular (conforme exemplos 06 e 07) e 3 casos de *a gente* com verbos terminados em *-mos* (exemplo 08):

- (06) Nós fica em casa... (INF.3 M FE2 – Araçatuba)  
 (07) ... nós vai atrás de mulherada né, todo mundo... (INF.1 M FE1 – Lins)  
 (08) Aí tem uma prainha lá, tudo, a gente ficamo lá,... (INF.2 F FE1 – Ibitinga)

Em relação ao uso do pronome *a gente* com verbo em 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, Menon (1997) levanta a hipótese de que o falante faz esse tipo de concordância por hipercorreção: “(...) o traço de primeira pessoa do plural estaria tão completamente assimilado pelo falante que, por insegurança linguística, faria a concordância de *a gente* com forma verbal de morfema *-mos*, como forma de demonstrar ‘erudição’.”

Nas gramáticas tradicionais, os raros comentários sobre esse tipo de concordância aparecem, geralmente, na seção dedicada à silepse de pessoa:

No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural:

- **A gente perdemos** sempre, mas nunca que **desistimos**...  
 (CUNHA E CINTRA, 1985:616)

Em Dias (1970, p.32), encontramos, sobre o português de Portugal, comentário sobre esse uso na parte referente à concordância verbal: “O povo liga frequentemente *a gente* com o valor de *nós* o predicado no plural da 1.<sup>a</sup> pessoa”.

Já o uso do pronome *nós* com verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular parece ter relação com o que algumas pesquisas têm demonstrado a respeito da crescente simplificação nos paradigmas flexionais do português do Brasil. Duarte (1993, p.107), utilizando trechos de sete peças de teatro popular escritas nos séculos XIX e XX (entre 1845 e 1992), faz um estudo sobre a trajetória do emprego do pronome-sujeito, buscando evidências que pudessem confirmar ou não a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a redução nos paradigmas flexionais.

Para demonstrar essa redução, a autora apresenta um quadro da evolução nos paradigmas flexionais do português do Brasil, mostrando que esses evoluíram de um sistema com seis formas distintas (*eu, tu, ele, nós, vós, eles*) mais duas representadas pela 2.<sup>a</sup> pessoa indireta – *você, vocês* – para um paradigma com quatro formas, devido à perda da 2.<sup>a</sup> pessoa direta – *tu* e *vós*. Esse segundo paradigma coexiste com um terceiro que apresentaria somente três oposições, resultado da substituição do pronome de primeira pessoa do plural, *nós*, pela expressão *a gente*, que se combina com formas verbais de terceira pessoa do singular:

Tabela 2. Evolução nos paradigmas flexionais do português (Duarte, 1993).

PESSOA	NÚMERO	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2	PARADIGMA 3
1. <sup>a</sup>	singular	cant-o	cant-o	cant-o
2. <sup>a</sup> direta	singular	canta-s	-----	-----
2. <sup>a</sup> indireta	singular	canta-0	canta-0	canta-0
3. <sup>a</sup>	singular	canta-0	canta-0	canta-0
1. <sup>a</sup>	plural	canta-mos	canta-mos	canta-0
2. <sup>a</sup> direta	plural	canta-is	-----	-----
2. <sup>a</sup> indireta	plural	canta-m	canta-m	canta-m
3. <sup>a</sup>	plural	canta-m	canta-m	canta-m

Nos dados de nosso trabalho, encontramos 84 registros do pronome-sujeito *nós*, dos quais 33 foram realizados canonicamente, ou seja, com verbos utilizando a desinência *-mos*, e 51 com formas estigmatizadas, o que representa mais de 60% das realizações de *nós*.

O uso de *nós* com verbo em terceira pessoa do singular parece ser, de fato, o cruzamento com o pronome *a gente*, com o qual tem equivalência semântica. O falante faria analogia com a concordância verbal da forma inovadora e produziria as construções estigmatizadas. A não marcação da desinência número-pessoal nas formas verbais do português, frequentemente observada na oralidade, parece favorecer o emprego do pronome-sujeito expresso, visto que, nessa situação, apenas o pronome “carregará” a marca de pessoa. Câmara Jr. (1991) pondera que a noção de pessoa gramatical não se realiza por meio de flexão, mas sim lexicalmente, por meio de diferentes vocábulos (*eu, tu, ele, ...*). Portanto o morfema flexional de número e pessoa não é propriamente verbal; na verdade, trata-se de um morfema que marca, na forma verbal, a pessoa pronominal do sujeito.

Embora não tenha sido objetivo de nossa pesquisa, interessou-nos comparar as realizações dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* elípticas<sup>2</sup> e expressas para verificar se essa não marcação favorece o uso do sujeito pleno, conforme assevera Duarte (1993). Encontramos 318 dados referentes à primeira pessoa do plural, dos quais 230 (72,3%) eram situações de pronomes expressos e 88 (27,7%) elípticos. Dentre os casos elípticos, 50 (56,8%) referem-se ao pronome *nós* e 38 (43,2%) ao pronome *a gente*. Esses dados parecem corroborar com o exposto por Duarte (1993), na medida em que as formas pronominais expressas ocorrem com muito mais frequência que as elípticas, o que pode ser resultado do apagamento desinencial do verbo, em muitos casos, independentemente do pronome utilizado.

Outra situação que verificamos ser frequente nos dados é a alternância do uso entre *nós* e *a gente* em um mesmo período, o que mostra bem como é acentuada a concorrência e a coocorrência entre esses pronomes:

- (09) ...então **nóis** tamo fazeno um trabalho na vila evangélica, então **a gente** dá um estudo e todo sábado **a gente** vai na mesma casa, **nóis** damo um estudo pás pessoas expriamo... (INF.4 F FE2 – Presidente Epitácio)

## 2.1 O fator extralinguístico sexo

A tabela 03a exibe a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* na variável extralinguística sexo.

Tabela 03a. Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao sexo.

<sup>2</sup> Devemos esclarecer que, como o verbo que acompanha o pronome *a gente* não apresenta desinência pessoal marcada, os casos de eclipse desse pronome foram constatados levando-se em conta a oração antecedente ou a subsequente, as quais deveriam apresentar o pronome expresso. Para os casos do pronome *nós* elíptico, fizemos a busca por meio da desinência verbal e, para as situações de concordância não marcada, levou-se em conta a oração antecedente ou a subsequente, as quais deveriam apresentar ou o pronome expresso ou marcado na desinência do verbo:

“... a gente anda de bicicleta a gente cai a primera,  $\phi$  cai a segunda,  $\phi$  cai a terceira...” (INF.1 M FE1 – Ribeirão Preto)

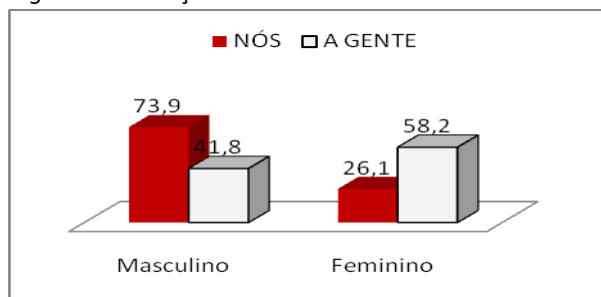
“Ah, nóis num faiz nada, porque  $\phi$  fica tudo em casa né.” (INF.4 F FE2 – Marília)

SEXO	NÓS		A GENTE	
	N.º de dados	%	N.º de dados	%
Masculino	62	73,9	61	41,8
Feminino	22	26,1	85	58,2
TOTAL	84	100,0	146	100,0

Os dados mostram que os homens utilizam mais o pronome *nós* do que as mulheres: são 62 realizações masculinas (73,9%) contra 22 femininas (26,1%). As mulheres, por sua vez, preferem a variante inovadora *a gente*: 85 registros (58,2%) contra 61 masculinos (41,8%), confirmando os resultados obtidos por Monteiro (1994) e por Lopes (1995).

A diferença de preferência por uma ou por outra forma pronominal, entretanto, mostra-se bastante acentuada: enquanto os homens realizam o pronome *nós* 47,8% mais do que as mulheres, essas utilizam apenas 16,4% mais o pronome *a gente* do que o sexo masculino. Esses dados trazem indícios de que a variante *a gente* está cada vez mais sendo aceita e utilizada pelas pessoas, pois, mesmo sendo requerida mais constantemente pelas mulheres, os homens também a utilizam de maneira expressiva. Já a variante padrão é realizada com pouca frequência pelas mulheres, mostrando que o sexo masculino é mais conservador que o feminino em relação à aplicação da regra variável. Essa preferência por uma ou por outra forma pronominal é nitidamente percebida no gráfico 1a.

Gráfico 1a. Percentual de ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao sexo.



Todavia, enquanto para os homens é praticamente indiferente usar *nós* ou *a gente* – visto que, dentre os 123 pronomes de primeira pessoa do plural por eles realizados, a diferença numérica entre um e outro é de apenas uma ocorrência (o que representa uma diferença de menos de 1,0%) –, para as mulheres, a opção pela utilização de *a gente* é bastante acentuada: 79,4% de registros de *a gente* contra apenas 20,6% de usos de *nós*, conforme se pode verificar na tabela 03b, a seguir:

Tabela 03b. Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao sexo.

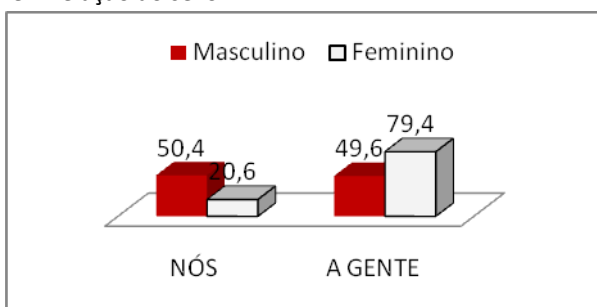
PRONOME	Masculino		Feminino	
	N.º de dados	%	N.º de dados	%
NÓS	62	50,4	22	20,6
A GENTE	61	49,6	85	79,4
TOTAL	123	100,0	107	100,0

Esses dados demonstram que o fator social sexo parece relevante para determinar a escolha do pronome (*nós* ou *a gente*) pelas mulheres. Apontam, ainda, para um comportamento inovador por parte do sexo feminino, à medida que essas usam, com mais frequência, a variante não padrão.

Labov (2008) destaca que a fala monitorada da mulher é a que mais se assemelha à forma padrão, pois, nessa situação, ela tenderia a utilizar as formas de prestígio e a rejeitar as formas estigmatizadas. Por outro lado, o sociolinguista pondera que se atribui à mulher o papel de propulsora de mudança linguística. Os dados apresentados na tabela 3b indicam que as mulheres têm usado mais a forma *a gente* do que *nós*, o que parece sugerir que a variante inovadora está perdendo seu caráter estigmatizado, revelando o processo de mudança no sistema pronominal brasileiro.

Na sequência, apresentamos o gráfico 1b que exibe a diferença percentual acentuada quando da escolha da variante de primeira pessoa do plural pelas mulheres em comparação com a opção masculina, praticamente neutra.

Gráfico 1b. Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao sexo.



## 2.2 O fator extralinguístico faixa etária

Vários trabalhos apontam a variável faixa etária como fator condicionador na escolha de *nós* ou de *a gente* e têm revelado a preferência de uso de *a gente* pela faixa etária mais jovem (MONTEIRO, 1994; ALBÁN e FREITAS, 1991), acenando para uma situação de mudança em progresso.

Conforme destacamos anteriormente, os informantes do Projeto ALiB estão divididos em duas faixas etárias: na primeira (doravante 1.<sup>a</sup> FE), estão os indivíduos com idades entre 18 e 30 anos e, na segunda (doravante 2.<sup>a</sup> FE), os indivíduos entre 50 e 65 anos. Observemos, na tabela 4a, como fica a distribuição dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* nessa variável.

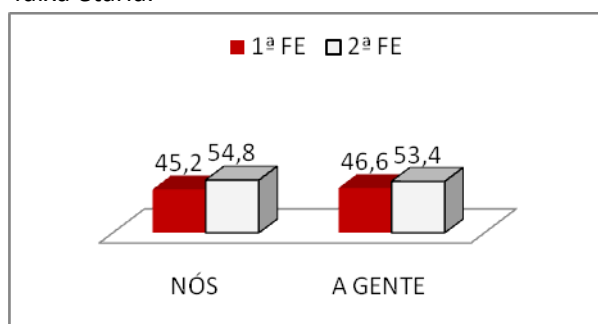
Tabela 04a. Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em relação à faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	NÓS		A GENTE	
	N.º de dados	%	N.º de dados	%
1. <sup>a</sup> (18-30 anos)	38	45,2	68	46,6
2. <sup>a</sup> (50-65 anos)	46	54,8	78	53,4
TOTAL	84	100,0	146	100,0

Em termos numéricos, constatamos que, independentemente da faixa etária, os informantes usam mais o pronome *a gente* do que o pronome *nós* (1.<sup>a</sup> FE: 68 ocorrências de *a gente* contra 38 casos de *nós*; 2.<sup>a</sup> FE: 78 realizações de *a gente* contra 46 casos de *nós*).

Quanto ao percentual, os dados mostram uma sutil propensão ao uso tanto de *nós* quanto de *a gente* na 2.<sup>a</sup> FE (*nós*: 54,8%; *a gente*: 53,4%); ou seja, quando tomadas em sua totalidade de ocorrências, as duas variantes aparecem com mais frequência no discurso dos informantes mais velhos. Conforme se pode visualizar no gráfico 2a:

Gráfico 2a. Ocorrências de *nós* e *a gente* em relação à faixa etária.



Contrariando os resultados de outras pesquisas, nossos dados mostram que não existem grandes variações quanto ao uso de uma ou de outra variante em função da variável faixa etária. Esperavam-se ocorrências mais numerosas de *a gente* na 1.<sup>a</sup> FE, já que se trata de uma forma pronominal inovadora e cujo estigma em relação ao uso está se tornando menos acentuado apenas recentemente. Os percentuais muito próximos da neutralidade, ou seja, próximos da metade (50%), revelam uma situação bastante significativa de concorrência e coocorrência entre as variantes *nós* e *a gente*, apontando para o fato de que parece indiferente para o informante utilizar uma ou outra forma pronominal ao se referir à primeira pessoa do plural.

Possivelmente, o resultado diferenciado que se encontra neste trabalho se deva, também, ao fato de a coleta de dados ter sido realizada, em comparação com outros trabalhos, trinta anos depois. Os dados com os quais Monteiro trabalhou, por exemplo, pertencem ao Projeto Norma Linguística Urbana Culta – NURC, os quais foram coletados na década de 70. Os dados de nosso trabalho, que pertencem ao Projeto ALiB – estado de São Paulo, foram coletados entre 2004 e 2008. Nesses trinta anos, o fenômeno linguístico em questão modificou-se bastante, no sentido de que se percebe que o preconceito linguístico que havia em relação ao uso da expressão *a gente* é muito menos acentuado hoje do que fora há trinta anos, quando era muito comum, inclusive, os professores tolherem os alunos quanto ao uso dessa forma.

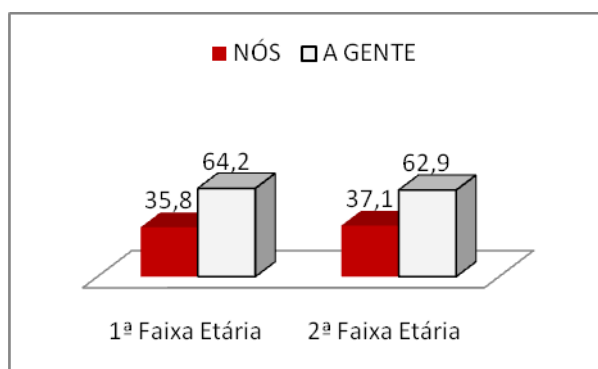
Precisaríamos ampliar os dados, trabalhando com um número maior de informantes, inclusive de outros estados e com graus de escolaridade diferenciados (ensino fundamental e ensino superior, por exemplo), para constatar se a situação que encontramos em nosso *corpus* se mantém em outros *corpora*. Se assim se confirmasse, poderíamos aventar a hipótese de que estaríamos caminhando para uma situação de variação estável, já que as diferenças entre as faixas etárias na realização do pronome-sujeito de primeira pessoa do plural não são significativas, menos de 1,5%, conforme se observa na tabela 4b, quando se tomam as faixas etárias separadamente.

Tabela 04b. Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em relação à faixa etária.

PRONOME	1. <sup>a</sup> Faixa Etária		2. <sup>a</sup> Faixa Etária	
	N.º de dados	%	N.º de dados	%
NÓS	38	35,8	46	37,1
A GENTE	68	64,2	78	62,9
TOTAL	106	100,0	124	100,0

Dos 106 pronomes de primeira pessoa do plural produzidos pelos informantes da 1.<sup>a</sup> FE, 64,2% são realizações de *a gente* e 35,8% são casos de *nós*. Dos 124 pronomes encontrados na fala dos informantes da 2.<sup>a</sup> FE, 62,9% são ocorrências de *a gente* e 37,1% são usos de *nós*. Ou seja, embora ambas as faixas etárias acenem para a preferência de uso do pronome *a gente* em detrimento de *nós*, há uma pequena tendência (1,3%) ao uso de *a gente* na 1.<sup>a</sup> FE e à realização de *nós* na 2.<sup>a</sup> FE. O gráfico 2b, a seguir, ilustra essa situação.

Gráfico 2b. Ocorrências de *nós* e *a gente* em relação à faixa etária.



Essa relação de igualdade entre as variantes *nós* e *a gente*, nas diferentes faixas etárias, seria um indício de que a questão do uso de pronome sujeito de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural se apresenta em uma situação de variação estável?



Tarallo (1986, p.65) afirma que quando não há mudança entre as faixas etárias é porque o fenômeno em questão está em variação estável, pois, para que se flagre uma mudança em progresso, é preciso que a variante mais inovadora (no presente estudo: pronome-sujeito *a gente*) seja mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à faixa etária mais velha, e isso não foi constatado em nosso trabalho.

### Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi examinar a variação no uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, com o intuito de verificar a situação de concorrência e de coocorrência entre esses pronomes. Buscou-se, também, por meio da análise, identificar se as variáveis sexo e faixa etária poderiam condicionar a frequência de uso das duas formas pronominais.

Os resultados a que a análise nos permitiu chegar indicam que a variante inovadora foi utilizada com maior frequência como pronome-sujeito de primeira pessoa do plural. Conforme vimos, das 230 ocorrências, 146 (63,5%) são casos de *a gente* e 84 (36,5%) são realizações de *nós*. Esse dado confirma o processo de gramaticalização do pronome *a gente* e reforça a necessidade de que esse seja incluído no tradicional quadro do sistema pronominal da língua portuguesa brasileira.

Em relação aos fatores extralinguísticos, o sexo tem-se mostrado relevante para determinar a escolha do pronome (*nós* ou *a gente*) pelas mulheres, indicando um comportamento inovador dessas por meio do uso mais frequente da variante não padrão; já para o sexo masculino, é praticamente indiferente utilizar uma ou outra variante.

A diferença percentual praticamente nula (1,3%) no uso de *nós* e *a gente* entre as faixas etárias consideradas mostrou um equilíbrio na escolha das formas pronominais que dá indícios de que, nesse contexto (com informantes de um mesmo estado, possuidores de nível de escolaridade até a quarta série do ensino fundamental), o fenômeno parece estar em situação de variação estável, o que não significa que os resultados se apresentem os mesmos em informantes mais escolarizados, de outras regiões do país e que tenham mais contato com a norma padrão por meio dos bancos escolares.

Sabemos que o exame de fatores linguísticos pode contribuir para dar respostas mais esclarecedoras aos resultados aqui apresentados, como, por exemplo, o controle do sujeito da oração examinada igual ou diferente da oração anterior (paralelismo formal), tempo e modo verbal, grau de saliência fônica etc. Sabemos, ainda, a importância do cruzamento entre as variáveis (sociais e linguísticas), entretanto nos deteremos sobre essas análises em outra oportunidade.

### Referências

ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL: questionário 2001 / Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.

ÁLBAN, Maria del Rosário e FREITAS, Judith. Nós ou a gente? In: *Estudos linguísticos e literários*. Salvador, n.º 11, 1991, p. 75-89.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. UFPR, 1998.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1991.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 5.ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary (orgs.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Edunicamp, 1993, p. 107-128.

- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.
- FERNANDES, Eliene Alves. *Nós e a gente: Variação na cidade de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado. UFPB, 1997.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Comportamento linguístico de homens e mulheres com relação ao uso de nós e a gente. In: OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de e LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). *Sexo – uma variável produtiva*. Vol. 4, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1995, p.18-26.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *Revista Delta*. vol. 14, n.º2, São Paulo, 1998.
- MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, n.º 44, 1995, p. 91-106.
- MENON, Odete Pereira da Silva. A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil? In: *Anais do II ELFE – Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita*. Maceió, 1997, p. 396-402.
- MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais*. Fortaleza: EUFC, 1994.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I. 1953.
- OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de. Apresentação. In OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de e LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). *Sexo – uma variável produtiva*. Vol. 4, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1995, p.07.
- OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa no plural. In SILVA, Giselle Machline de O. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 311-323.
- ROLLEMBERG, Vera *et al.* Os pronomes pessoais e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. In: *Estudos linguísticos e literários*. Salvador, n.º 11, 1991, p. 53-74.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1986.
- TONIOLI, Selma e BARUFFALDI, Vanda Bartalini. *Sociolinguística: uso e norma na fala urbana*. In: *Revista da Pós-graduação – Letras*. vol. 1 n.º 2, Edifício, 2007.